

# Teresinha da Ginjeira:

## uma Pasífae à moda de Camilo

Ocorre no próximo domingo mais um aniversário do nascimento do romancista **Camilo Castelo Branco** (nascido em Lisboa no dia 16 de março de 1825). Assinalamos esta efeméride com a publicação do estudo que se segue, intitulado “Teresinha da Ginjeira: uma Pasífae à moda de Camilo”<sup>1</sup>, da autoria do Doutor João Paulo Braga, da Universidade Católica Portuguesa.



POR

**JOÃO PAULO BRAGA**

UNIVERSIDADE CATÓLICA / BRAGA

*Vinte Horas de Liteira* (1864) é uma das mais interessantes obras de ficção de Camilo Castelo Branco, não tanto pela sua estrutura, que retoma o velho processo das *Mil e uma Noites* ou do *Decameron*, mas sobretudo pelo caráter metaliterário que tal estrutura proporcionou desenvolver, colocando o autor diante de um espelho, deformado pela ironia romântica, em que se refletem os seus processos romanescos e estilísticos, o seu percurso literário, ora projetando-se na figura do narrador-autor, o “romancista”, ora espelhando-se na figura de António Joaquim, o “antirromancista”, contador de histórias verdadeiras, desartificialmente narradas.

O enquadramento narrativo tem por suporte uma viagem de liteira do Marão ao Porto, que junta em amena conversa o autor e um companheiro

de viagem, o seu velho amigo António Joaquim, que assume o protagonismo da narração, sendo responsável pela maior parte dos contos. Um dos últimos elos dessa cadeia de histórias que se vai desenrolando em tom de conversa intitula-se “Os amores de Teresa”.

Teresinha da Ginjeira, filha de lavradores abastados, aos doze anos herdara de sua madrinha dois novilhos, os quais criou com tal zelo e carinho que espantava os pais e a vizinhança. Tão profunda era aquela afeição que, quando o pai, para comprar uma bouça, se viu na necessidade de vender os bois, cuja idade já lhes ia diminuindo a serventia nas lides da terra, a rapariga caiu numa angústia que a levaria à morte, se, por conselho do cirurgião, não se desfizesse o contrato da venda. Teresa recuperou a beleza viçosa que a distinguia e

continuou a dedicar-se desveladamente aos seus animais de estimação.

O autor, sob a máscara de narratório-ouvinte de António Joaquim, produz, em jeito de avaliação, este comentário no final da história: «— A tua vizinha [...] em quanto a mim, se não é fabulosa como a Pasífae, tem instintos e coração de vaca.»<sup>2</sup>

Se a estrutura adotada é particularmente propiciadora das divagações, dos comentários que, durante a conversa, vão trocando as duas personagens, a propósito da viagem, das histórias e da carreira literária do autor, a verdade é que, como se sabe, o registo coloquial e digressivo caracteriza, de modo geral, os narradores camilianos, os quais, a cada passo, em contacto com o leitor, interrompem o fio narrativo, ostentando frequentemente, em excursos, comentários, citações

ou referências intertextuais, a cultura literária de base clássica em que se formou o romancista. Daí que Jacinto do Prado Coelho afirme com justeza: «As fábulas mitológicas, aprendidas em Homero e em Ovídio, recordadas talvez em algum velho *Dicionário Clássico*, davam ao novelista nova matéria erudita.»<sup>3</sup> Basta folhear, por exemplo, *Doze Casamentos Felizes*, para toparmos com intrusões do narrador, que comenta as ações narradas recorrendo ao universo da cultura clássica, em comparações como: «Hilário Afonso escondera o rosto entre as mãos, como Agamémnon no sacrifício de Ifigénia»<sup>4</sup>; ou em antonomásias como: «[...] disse entre si o Eneias daquela viúva muito mais simpática em sua abnegação que a outra choramingas de Cartago»<sup>5</sup>. Tratando-se de referências em que, de um modo geral, o narra-

dor, não raro com efeitos humorísticos, caracteriza as personagens e comenta situações correspondentes a motivos narrativos secundários, este “lastro erudito”, segundo Jacinto do Prado Coelho, “não atinge a estrutura da novela”<sup>6</sup>. Todavia, não é bem o que sucede na novelazinha de que nos ocupamos. Quando o autor comenta a história fazendo aquela referência a Pasífae, está a explicitar uma relação intertextual assente num motivo que é nuclear na estrutura da narrativa — o da afeição da personagem aos bois —, assimilando a história de Teresa à narrativa mitológica da rainha de Creta e dos seus amores com o touro que o seu marido, o rei Minos, recebera de Poseidon.

Um dos principais movimentos amplificativos da história de Teresinha concretiza-se na forma como o narrador realça o desvelo com que a menina criou os seus animais de estimação:

Quando eles, já saciados do pasto, se deitavam nos prados a



***Vinte Horas de Liteira* (1864) é uma das mais interessantes obras de ficção de Camilo Castelo Branco, não tanto pela sua estrutura, que retoma o velho processo das *Mil e uma Noites* ou do *Decameron*, mas sobretudo pelo caráter metaliterário que tal estrutura proporcionou desenvolver, colocando o autor diante de um espelho, deformado pela ironia romântica, em que se refletem os seus processos romanescos e estilísticos, o seu percurso literário, ora projetando-se na figura do narrador-autor, o “romancista”, ora espelhando-se na figura de António Joaquim, o “antirromancista”, contador de histórias verdadeiras, desartificialmente narradas.**